

“O CORPO É UMA MEMÓRIA”: MARCAS NO CORPO COMO *PERFORMANCE* RITUALÍSTICA EM FEBRÔNIO ÍNDIO DO BRASIL (1895-1984)

Paulo Biscaia Filho¹

Resumo: Este artigo explora o significado e a importância da tatuagem como forma de expressão cultural e espiritual, a partir do estudo de Febrônio Índio do Brasil, um criminoso que marcou seu corpo e o de suas vítimas. Analisamos a relação entre tatuagens, cultura e identidade, examinando como as marcas corporais se tornaram parte de um ritual religioso e performativo, com elementos dramáticos, criado por Febrônio. O estudo se baseia em registros históricos da prática de tatuagem em diversas culturas, demonstrando que a marca deliberada no corpo tem sido utilizada como meio de expressão artística e religiosa ao longo dos tempos.

Palavras-chave: Tatuagem; Expressão Cultural; Identidade,

"THE BODY IS A MEMORY": MARKS ON THE BODY AS RITUALISTIC PERFORMANCE IN FEBRÔNIO ÍNDIO DO BRASIL (1895-1984)

Abstract: This article explores the meaning and importance of tattooing as a form of cultural and spiritual expression, based on the study of Febrônio Índio do Brasil, a criminal who marked his body and those of his victims. We analyze the relationship between tattoos, culture, and identity, examining how bodily marks became part of a religious and performative ritual, with dramatic elements, created by Febrônio. The study is based on historical records of tattooing practices in various cultures, demonstrating that deliberate body marking has been used as a means of artistic and religious expression throughout history.

Keywords: Tattoo; Cultural Expression; Identity

¹ Paulo Biscaia Filho é Mestre em Artes pela Royal Holloway University of London e Doutorando em História pela UFPR. Professor na UNESPAR Campus Curitiba II. Diretor de cinema e teatro pela produtora Vigor Mortis. Vencedor de diversos de prêmios internacionais por seus longas Nervo Craniano Zero (2012), Morgue Story (2009), Virgin Cheerleaders in Chains (2018) e A Macabra Biblioteca do Dr. Lucchetti(2022). Autor do livro 'Palcos de Sangue' e roteirista nos dois volumes da série 'Vigor Mortis Comics'.

“O corpo é uma memória”: marcas no corpo como performance ritualística em Febrônio Índio do Brasil (1895-1984) | Paulo Biscaia Filho | p. 46-69

O dístico no peito

Eu sou Filho da Luz - Este é o dístico que traz tatuado no peito um criminoso repelente que nestes últimos dias ocupou a atenção dos jornais. Monstro sem piedade, sem nada de humano a não ser, infelizmente, a forma, esse desgraçado se diz adepto de uma religião especial [...] Filho das trevas, comparsa do Maldito, diz-se Filho da Luz. Sempre assim o mal macaqueia o bem e o diabo tenta imitar a Deus. Quem sabe esse repugnante celerado não é sua vítima da Magia Negra que campeia por aí, do baixo espiritismo, dos candomblés, enfim dum satanismo torpe que sujos charlatães exploram?... (“Eu sou filho da luz”, Fon-Fon, setembro de 1927, p. 54. apud: Bastos, 1994, p. 69)

Vários são os pontos de interesse pelo estudo de caso do assassino Febrônio Índio do Brasil. As motivações dos crimes geram debates que culminam na transferência, em 1929, do presídio ao manicômio, como o interno 0001. Soma-se a isso a relação de fascínio do poeta modernista francês Blaise Cendrars, que o visita no cárcere e escreve um artigo que faz parte do compêndio de escritos do artista sobre identidades culturais brasileiras. Antes da prisão, Febrônio escreve um livro que se estabelece como evangelho de doutrina religiosa criada a partir seus delírios. Sob o título *Revelações do Príncipe do Fogo*, o livro “pretende representar (...) a identidade de Febrônio, suas tatuagens e vítimas deslocam-se para uma figuração onírica” (Ferrari, 2013, p. 202). Do encontro com Blaise Cendrars, Febrônio confessa:

Uma Dama Loura, com longos cabelos de ouro, que me declarou que Deus não estava morto e que era minha missão anunciá-lo ao mundo inteiro. Que, para isso, eu devia escrever um livro e marcar os jovens eleitos com as letras D.C.V.X.V.I., tatuagem que é símbolo do Deus-Vivo, ainda que com o emprego da violência!” (Cendrars, 1976, p. 179).

Em tangência com elementos de iconografias místicas, este estudo concentra-se nas tatuagens de Febrônio como forma de expressão e identidade diante de seu ideal religioso. Não apenas aquelas em seu próprio corpo, mas também as infligidas nos corpos de suas vítimas. No peito do profeta-assassino está a frase: “Eis o filho da luz”. Em volta do abdômen e costas, a sequência de letras ordenadas pela Santa Loura em seu sonho. A presença de tais tatuagens, assim como a cultura de marcações no corpo que o precede, é foco neste artigo enquanto fenômeno ritualístico e performance de criação de uma identidade que carrega em si séculos de tradições, procedimentos e dogmas. Ao usar como referência as construções históricas do ato de tatuar-se em certos grupos culturais e sociais, tentamos

“O corpo é uma memória”: marcas no corpo como performance ritualística em Febrônio Índio do Brasil (1895-1984) | Paulo Biscaia Filho | p. 46-69

compreender o significado das marcações no corpo de Febrônio e de suas vítimas. Clastres faz a relação entre o estabelecimento de leis, por meio da escrita – e, em especial, da escrita no corpo –, compreendendo que existe uma pluralidade de sociedades originárias, em que existem construções ritualísticas claras para marcar a transição dos jovens para a fase adulta. Nesse caminho, ainda reconhece que ritos de passagem são formados por práticas de dor infligida ao corpo e os registros como marcas permanentes, tais quais piercings, cicatrizes e tatuagens.

Inscritos na profundidade da pele, atestarão para sempre que, se por um lado a dor pode não ser mais do que uma recordação desagradável, ela foi sentida num contexto de medo e de terror. A marca é um obstáculo ao esquecimento, o próprio corpo traz impressos em si os sulcos da lembrança – o corpo é uma memória (Clastres, 1990, p. 201).

A raiz da palavra tatuagem tem origem na formação onomatopaica do som da agulha batendo na pele, na cultura de prática e linguagens taitianas. "Tatau" (em alguns estudos apenas "tau") significa “ferida, desenho batido”. O termo aparece pela primeira vez em diários de bordo escritos por Joseph Banks – um naturalista que integra a tripulação do navio capitaneado pelo britânico James Cook (1768-1771). A partir do encontro com culturas de ilhas dos mares do sul, o uso de tatuagem passa a ser difundido no ocidente por marinheiros. No entanto, práticas de alterações corporais, por escarificação, sem e com pigmentação, são tão antigas quanto a humanidade e se espalham por diversas culturas, com variações e opressões morais de acordo com as particularidades a cada época e sociedade. Névoas do tempo borram dados específicos, que poderiam datar uma única origem da tatuagem. Entretanto, podem ser pontuadas algumas descobertas arqueológicas, que fornecem caminhos para compreender os princípios culturais desses processos, enquanto formas de expressão artística e religiosa.

Data do período Neolítico o registro material mais antigo de corpo com marcas cutâneas intencionais. O corpo batizado pelos cientistas como “Ötzi”, foi encontrado nos Alpes italianos em 1991, encrostado em gelo. O “Homem do Gelo” europeu morre e é enterrado sob a geleira alpina, ao longo da fronteira austríaco-italiana, por volta de 3250 a.C. Ao todo, Ötzi tem 61 tatuagens em todo o corpo: no pulso esquerdo, parte inferior das pernas, parte inferior das costas e tronco. Entre as marcas, podem ser encontradas sete linhas paralelas no braço e duas em volta do pulso, em forma de bracelete. Supõe-se que

“O corpo é uma memória”: marcas no corpo como performance ritualística em Febrônio Índio do Brasil (1895-1984) | Paulo Biscaia Filho | p. 46-69

essas tatuagens tinham intenção terapêutico-medicinal, com argumentação de “suporte espiritual” à cura. Diferentemente da múmia encontrada em Chinchorro, no Chile – em que testes com Carbono-14 indicam cinco séculos a menos que o de Ötzi – em que tatuagens na face indicam intenção cosmética que, de certa forma, também se supõe a uma re-ligação com um mundo espiritual. As evidentes distâncias geográficas e culturais entre os dois registros arqueológicos notadamente não se distinguem, no entanto, das práticas de modificação corporal. O próprio Charles Darwin (1974, p. 213) anota a semelhança entre culturas em geolocalizações variadas onde se evidencia através de expressões artísticas assim como pela prática de tatuagens e outras formas de ornamentação pessoal. Dessa forma, percebe-se que, desde os primórdios, as práticas de tatuagem estão presentes em culturas diversas como modos de expressão, em qualidades inerentes à humanidade, conjuntamente e paralelamente às artes e manifestações de espiritualidade. Em reforço à antiquíssima tradição de relação entre marcas feitas no corpo e práticas performáticas de espiritualidade, existem escritos de Heródoto:

(...) [que] se referem a uma antiga cultura do norte europeu denominada pictus. Nessa cultura, homens e mulheres não se tatuavam por vaidade, mas por acreditarem que as tatuagens ficavam impressas na alma, permitindo que, após a morte, pudessem ser identificados por seus antepassados (Frayze-Pereira, 2016, p. 78).

Estudos arqueológicos do antigo Egito evidenciam a existência de tatuagens que remontam a cerca de 2000 a.C., em que múmias são encontradas com intrincados desenhos corporais – o que sugere uma considerável significação em rituais e crenças naquela cultura. Os egípcios utilizaram estes procedimentos para demarcar a “devoção” religiosa, com tatuagens que representam símbolos estilizados relacionados ao conjunto mitológico politeísta. De igual modo, o antigo Japão também carrega a tradição do *irezumi*. A tatuagem tem assim duplo significado. Apresenta-se tanto uma forma artística, quanto um meio de expressão religiosa. Muitas vezes, representam criaturas míticas e símbolos espirituais – tal qual o talismã, que tem a “função” de proteger o portador – e estabelecem uma “conexão” com o mundo espiritual. Ao focalizar o prisma histórico da tatuagem na cultura indígena brasileira, encontramos as seguintes reflexões do historiador e etnógrafo Luís da Câmara Cascudo sobre a produção de marcas corporais de povos originários:

As mutilações corporais seriam originariamente manifestações de ritos religiosos, captação mágica pelo sacrifício cruento (dáviva de sangue),

“O corpo é uma memória”: marcas no corpo como performance ritualística em Febrônio Índio do Brasil (1895-1984) | Paulo Biscaia Filho | p. 46-69

ablação aos deuses, oferenda aos mortos (aos antepassados como homenagem e aos defuntos recentes pela ambivalência do pavor e respeito), desejosa da proteção invisível e permanente; iniciação na puberdade, preparo psicológico para a guerra. (...) nascera do desenho de cicatrizes, feito como registro de ações valorosas ou tributos sacros. (Câmara Cascudo, 2004, p. 252)

Nesse caminho, ao longo deste trabalho, aborda-se as construções culturais que levam às marcas corporais registradas por Febrônio Índio do Brasil. Ao mesmo tempo, compreende-se esse processo como uma ação artística dentro de um ritual performático religioso, acompanhado de dramaturgia endógena do assassino. O conceito de Arte, frequentemente atrelado à catarse edificante, transcende o binômio apolíneo/dionisíaco². Aquilo que recebe adjetivações de beleza pode encontrar espaço de apreciação mesmo quando suas qualidades helênicas se sustentam.. Mesmo em derivações artísticas pautadas pelo horror, encontra-se espaço para a experiência catártica considerada potencialmente transformadora. Os crimes de Febrônio parecem ocupar áreas do extremo oposto, pois seu encerramento não ocorre sem pretensas justificativas: ele violenta e mata um jovem de 20 anos e uma criança de 10 anos – que também é tatuado à força. Em seus delírios – assim como ocorre em outras religiões –, ele acredita na necessidade de sacrificar vidas em rituais que seguem pauta dogmática específica da crença. O que surge como esclarecimento ou, no mínimo, como provocação, com direcionamentos intrigantes, segundo o que aponta Toni Marques:

Se a aceitamos como arte, assinamos embaixo: é a mais trágica das artes. Ou a única verdadeiramente trágica. Caso desapareça, num passe de mágica, tudo quanto se escreveu sobre Van Gogh, seus quadros continuarão a existir. A realidade da tatuagem é bem diferente. A realidade é que ela não resiste ao tempo. Não resiste à morte.(...) Se ainda assim teimar em ser arte – a arte de incrustar fantasia na pele –, será então a mais trágica, porque esta é a dor da tatuagem: existir para desaparecer (Marques, 1997, p. 238).

² O conceito da dicotomia entre o apolíneo e o dionisíaco elaborado por Friederich Nietzsche se tornou um dos parâmetros estéticos que balizam uma pletora de debates estéticos. De um lado estão a razão e a harmonia, enquanto que no outro residem o caos e o instintivo. Em uma provocação ainda pertinente, Nietzsche aponta que a civilização ocidental evidencia uma tendência a privilegiar o princípio apolíneo.. Em sua visão, uma redescoberta do dionisíaco traria um equilíbrio capaz de revisar conceitos culturais rígidos através de vitalidade e criatividade.

“O corpo é uma memória”: marcas no corpo como performance ritualística em Febrônio Índio do Brasil (1895-1984) | Paulo Biscaia Filho | p. 46-69

Para uma maior compreensão do conjunto de gestos e interferências corporais, é necessário, primeiramente, tomar certa distância das definições tradicionais da arte e da ótica cristã e ocidental – que atendem aos interesses religiosos. Certamente, isso pode se apresentar como tarefa espinhosa, assim como a compreensão da tatuagem a partir do lugar da Arte.

Luzes do céu e luzes na pele

Conforme pontuado anteriormente por meio de Clastres, a tatuagem, tradicionalmente, é uma forma de registrar a dor, como uma espécie de marco temporal, na vida do corpo tatuado. Em geral, esses delimitadores têm a ver com rituais de passagem: a dor como transição; e a marca da cor como prova do êxito da transição. Tal padrão pode ser encontrado na pluralidade de grupos culturais.

É muito extenso o número de sociedades primitivas que mostram a importância por elas atribuída ao ingresso dos jovens na idade adulta através da instituição dos chamados ritos de passagem. Esses rituais de iniciação constituem muitas vezes um eixo essencial, em relação ao qual se ordena, e sua totalidade, a vida social e religiosa da comunidade (Clastres, 1990, p. 197).

Significados são assim estabelecidos por meio de convenções sociais. As marcas de tatuagens têm objetivos de expressão e cada uma deseja ressignificar o corpo. Esse ato é, por si só, um gesto de espiritualidade, pois compreende que o corpo é suficiente para “ser”. É possível, portanto, promover o desdobramento temático aprofundado, traçando o histórico da tatuagem ao longo do tempo e em culturas distintas. A obra de Toni Marques apresenta um amplo panorama deste debate. No entanto, o objeto de análise do presente artigo focaliza, na cultura judaico-cristã, as implicações ligadas ao ato de tatuar sua própria pele, visto que, justamente tal padrão mitológico é que influencia a criação de tatuagens em Febrônio Índio do Brasil. A relação, tanto do Velho quanto do Novo Testamento bíblico, com as marcas na pele, apresenta as mesmas ambiguidades e contradições presentes em outros debates dogmáticos desses cânones. As escrituras dão ao criador o poder de trazer a marca identitária a Caim, por seu ato, “a fim de que não fosse morto por quem o encontrasse”

“O corpo é uma memória”: marcas no corpo como performance ritualística em Febrônio Índio do Brasil (1895-1984) | Paulo Biscaia Filho | p. 46-69

(Gênesis 4:15). Essa marca, para fins de maldição, é revisitada em Levítico 19:28 – uma passagem que, ainda hoje, tem influência na cultura de marginalização de corpos tatuados: “não fareis incisões no corpo por algum morto e não farei marcas na pele”. Estes versículos manifestam o que compreendemos ainda como a padrões de expressão ditados por tradições cristãs onde o corpo é local de exposição da fé, “seja por mantê-lo limpo de modificações ou acrescentá-las. Asseveram-se, portanto, modos de subjetivação para o sujeito produzidos pela exterioridade” (Godoi, 2019, p. 298).

Os primeiros seguidores do cristianismo, que viviam na clandestinidade, faziam uso de sinais tatuados em corpos para se identificar entre si e marcavam a pele com sinais que incluíam cruzes, as letras IHS³ e o símbolo do peixe. No entanto, aos poucos, o pensamento cristão solidifica a crença de que o corpo humano nasce a partir da criação divina e, portanto, o homem não tem o direito de modificá-lo. Conseqüentemente, a prática passa a ser interdita, com a justificativa do simbolismo bíblico. Em 787 d.C., a Igreja Católica, formalmente, a proíbe, por meio da declaração do Papa Adriano, que justifica com o argumento de que “a tatuagem está associada às práticas supersticiosas e pagãs”. A partir desse ponto e durante toda a Idade Média, a tatuagem quase cai em completo esquecimento na cultura ocidental – suas influências ainda perduram no século XXI, em forma de estigmatização de grupos sociais forçando ligações com criminalidade, como é possível observar adiante.

Os confrontos culturais decorrentes das cruzadas oferecem quebras pontuais na interdição do Papa Adriano, quando se encontram mapas das rotas cristãs em forma de tatuagem na pele de cruzados: os soldados de Ricardo Coração de Leão retornam da Terra Santa com crucifixos nos braços ou mesmo na testa. Apesar disso, a ideia da marca de Caim retorna com força durante a inquisição e sinais no corpo, tanto os genéticos quanto feitos artificialmente, são tidos como elementos merecedores de investigação e consequente tortura e punição.

³ As letras IHS representam o nome "Jesus" em grego, usando as três primeiras letras do nome, na língua grega antiga, que são "ΙΗΣΟΥΣ" (Iota, Eta, Sigma, Omicron, Upsilon, Sigma). Assim, "IHS" é uma forma abreviada de se referir a Jesus Cristo. Essa sigla tem sido historicamente utilizada como um símbolo cristão e é frequentemente associada às imagens e decorações em igrejas e objetos religiosos. Representa a presença e o nome de Jesus, algo central para a fé cristã.

“O corpo é uma memória”: marcas no corpo como performance ritualística em Febrônio Índio do Brasil (1895-1984) | Paulo Biscaia Filho | p. 46-69

A marca do diabo era frequentemente confundida com a marca da bruxa, e mais tarde os caçadores de bruxas aceitaram como prova suficiente para estabelecer definição de ato de bruxaria.(...) a distinção era que a marca do diabo se assemelhava a uma cicatriz, marca de nascença ou tatuagem (Hope Robbins, 2015, p. 176)⁴.

O desenvolvimento da tatuagem na cultura europeia entra em conflito com os dogmas e a influência de diferentes contextos sociais e culturais ao longo dos séculos. As eras de descobertas e navegações estabelecem inicialmente a tatuagem como uma forma de arte exótica das culturas introduzidas aos padrões europeus. Os viajantes e marinheiros do século XVIII, ao entrarem em contato com várias culturas aborígenes, especialmente aquelas das ilhas do Pacífico, transformam o fascínio pela complexidade e significado das tatuagens que adornam os corpos desses povos, em uma prática própria de interferência direta. Como consequência orgânica da prática do ofício, essa cultura dos marinheiros é difundida para outras culturas e se emaranha na Europa e nas colônias. Esses grupos começam a adotar tal forma de expressão artística em seus próprios corpos como meio de registrar suas viagens e encontros com culturas estrangeiras. A tatuagem se torna conseqüentemente um troféu que simboliza aventura e experiência - o que pode ser visto tanto como marca de ritual de transição como de descobertas espirituais em leituras amplas do termo. As tentativas de delinear detalhes, formas e significados ao longo do tempo também se aproximam dos riscos de mapear com precisão cada uma das culturas ao redor do globo. No entanto, é importante destacar alguns significados dos processos de marcação corporal em comunidades tradicionais indígenas brasileiras. Nessas comunidades, as tatuagens consistem essencialmente em padrões geométricos com linhas intrincadas, tramas e manchas aplicadas apenas ao rosto ou ao corpo de modo geral.

Tome-se como exemplo os tupinambás do século XVI que "tatuavam-se por iniciação, hierarquia, magia, luto e sacrifício" (Lise; Gauer; Cataldo Neto, 2013, p. 298). O mesmo padrão de identidade e de religião do corpo ao mundo espiritual também pode ser visto em outras tribos. Os *auetés* e *camarrituras* têm a marca na pele, como ferramenta medicinal, de natureza mágica; enquanto os *caribas* e *guanás* usam um símbolo distintivo. Já para os *kadiwéus*, a pintura corporal tem a finalidade de demarcar a considerável distinção

⁴ Tradução do autor.

“O corpo é uma memória”: marcas no corpo como performance ritualística em Febrônio Índio do Brasil (1895-1984) | Paulo Biscaia Filho | p. 46-69

entre seres humanos e animais. À medida que o século XIX avança, e o início do século XX se aproxima, a prática da tatuagem passa por transformações significativas. Viajantes e marinheiros, em passagens por diversos portos cometiam crimes, eram encarcerados; e, uma vez dentro de prisões, transferiam tecnologias de procedimentos artísticos, como elementos a serem adotados por setores marginalizados da sociedade. Presidiários, prostitutas e soldados começavam a se apropriar da tatuagem como forma de expressão pessoal e, em muitos casos – como se verá logo adiante –, um código visual, que identificava sua filiação a determinados grupos. Particularmente, em ambientes de encarceramento em massa, a tatuagem assume papel essencial: passou a ser usada como uma maneira de demarcar a identidade e a história dos prisioneiros – muitas vezes, revelando informações sobre crimes cometidos, filiações ou status social dentro desses contextos.

Se durante os períodos da Inquisição, marcas no corpo são vistas como indicativos para punição, o criminalista Cesare Lombroso (1835-1909) passa a categorizar a presença de tatuagem como uma das características comuns do *homem delinquente*. Ele afirma que a tatuagem está em local de compreensão mais psicológico do que anatômico (Lombroso, 2007 p. 30). Seu estudo é pautado a partir da observação de aproximadamente mil indivíduos, mais da metade deles era “criminais, meretrizes ou soldados delinqüentes”. Ao examinar estes grupos, ele detecta, com frequência, a presença de tatuagens nos corpos infratores, sendo que as marcas versam, maioritariamente, sobre os seguintes temas: amor, religião, guerra e profissão. Matérias que o autor vê como visões de mundo e marcas indelévels no imaginário popular. Especificamente sobre o tema da religiosidade, Lombroso reconhece o espírito de devoção católica na Itália do século XIX como fator determinante para a escolha de tatuagens. No entanto, é preciso observar que, embora questionável, aqui não existe estigmatização espiritual como no pensamento dos poderes inquisitórios. Ao contrário, a partir de Lombroso, prevalece a intenção do pensamento pragmático e, em seu texto, ressalta tradições cristãs que envolvem marcas no corpo. A forma como Lombroso aborda o distanciamento cultural da tradição em relação à sua época, por si só denota o estado de estigmatização da marca na pele no final do século XIX. O criminalista elenca outras tradições religiosas como catalisadores de performances em modificação da pele.

“O corpo é uma memória”: marcas no corpo como performance ritualística em Febrônio Índio do Brasil (1895-1984) | Paulo Biscaia Filho | p. 46-69

Aqueles que são devotos de um santo acreditam que, tendo-o na própria pele, dão-lhe prova de afeto. Sabemos que os fenícios tatuavam-se na frente com símbolos divinos. Na ilha Marshall, acredita-se que se deve pedir a Deus permissão para tatuar-se, e, por isso, só os sacerdotes fazem esse serviço. Entre os membros da Igreja Ortodoxa, a mulher que não tenha tatuagem não gozará da eterna santidade (Lombroso, 2007 p. 30).

Se por um lado o trabalho de Lombroso é mais uma pedra na construção da estigmatização da tatuagem, como uma característica de populações marginalizadas; por outro, não realiza a catalogação de dados, sem a constatação de repetição da prática – tanto anteriormente quanto durante o período de encarceramento. Dentro da antropologia criminal, em outro estudo mais aprofundado sobre o tema, Lacassagne pontua variantes condicionais, para marcações em corpos, quando excetua o que chama de “estigmas vergonhosos” – em menção aos que estão “na testa ou no corpo de criminosos, prisioneiros de guerra, escravos”. Em objetividade contraposta, Lombroso traça os seguintes pontos, como elementos motivadores para a criação de uma marca na pele: “pichação, paixão, espírito egrário, vaidade, ociosidade, espírito de vingança, imitação e religião”. Em muitas situações, as causas coexistem tanto em Lombroso como em Lacassagne.

Certamente, a predileção por este costume bastará para distinguir o delinqüente do demente, malgrado tenha em comum com ele a forçada reclusão e a violência das paixões ou o longo ócio. Devido a isso, ele recorre aos mais estranhos passatempos: afia pedras, corta as vestimentas, faz tatuagens (Lacassagne, 1881, p. 45)⁵.

Mais de um século depois, a importância da tatuagem para populações em situação de encarceramento em massa continua sendo um elemento identitário essencial. Em 2016, o estudo realizado por Leandro Ayres França, juntamente com Alfredo Steffen Neto e Alysson Ramos Artuso, documentou a situação de internos em Porto Alegre (RS) e constatou que, embora a grande maioria (71,1%) dos apenados possuísse tatuagens, havia uma parte significativa de prisioneiros sem elas. Com quase um terço desses corpos sem marcas, é possível observar que, embora Lombroso tenha levantado um ponto de debate, é evidente que a afirmação da tatuagem como "elemento de predisposição ao crime" é errônea. Ainda assim, o estudo de França et al. reconhece, mesmo que em tom crítico, a argumentação do criminologista quando, ao analisar um dos detentos, percebe um conjunto de características que passariam a ser adjetivadas como “lombrosianas”.

⁵ Tradução do autor.

“O corpo é uma memória”: marcas no corpo como performance ritualística em Febrônio Índio do Brasil (1895-1984) | Paulo Biscaia Filho | p. 46-69

(o detento) S-030 deixaria Lombroso satisfeito. Com um tribal tatuado no rosto, um palhaço com pistola fumegante no peito e uma caveira na nuca (além de outras quatro tatuagens espalhadas pelo corpo), todos tatuados dentro da cadeia, S-030 retrataria bem o seu homem delinquente. Com cinco condenações e quarenta e seis anos de pena, por crimes como homicídio, roubo qualificado (com emprego de arma) e estupro (França, 2016, p. 191).

Uma vez que estamos tratando da tatuagem como uma forma de expressão e, por consequência, também como uma forma de linguagem, é importante considerar essa prática como um "código". A prática de filiação a diferentes facções sempre foi e ainda é corriqueira em centros de encarceramento no mundo inteiro. No Brasil, em 1912, o tema chamou a atenção do pesquisador José Ignácio de Carvalho, no Rio de Janeiro (RJ), que conduziu um estudo intitulado "Tatuagem e Criminalidade", examinando 150 prisioneiros da Casa de Detenção do Rio de Janeiro. No trabalho em questão, Elysio de Carvalho, diretor da instituição, afirmou que "a tatuagem brasileira é mais modesta, espiritual e menos desrespeitosa, servindo principalmente para adornar esteticamente com significados ingênuos" (Lise; Gauer; Cataldo Neto, 2013, p. 305).

A transformação dessa linguagem dentro do sistema carcerário brasileiro passa por mudanças ao longo dos anos, construindo um conjunto de signos próprios. Tomando o estudo de Lise, Gauer e Cataldo Neto como base, identifica-se um glossário para tatuagens nas mãos dos detentos, no qual a datação significa "os dias em que morreram os companheiros de cela"; a cruz com duas velas acesas representa "um aviso aos colegas do cárcere de que o dono desta marca é um indivíduo de alta periculosidade"; pontos nas extremidades de uma estrela indicam "estar envolvido com tráfico de drogas"; e vários pontos formando o "x" indicam que "o possuidor é chefe de quadrilha ou líder de determinada facção criminosa", entre outras interpretações de símbolos. Assim como outros grupos sociais, a população carcerária desenvolve organicamente conjuntos culturais de elementos de linguagem, nos quais o ato de marcar a pele possui diversos significados, tornando as interpretações essenciais.

Um esvanecido Filho da Luz

Nascido em janeiro de 1895, em São Miguel de Jequitinhonha – interior de Minas Gerais –, com o nome de Febrônio Simões de Mattos, o homem que seria conhecido como

“O corpo é uma memória”: marcas no corpo como performance ritualística em Febrônio Índio do Brasil (1895-1984) | Paulo Biscaia Filho | p. 46-69

'O Monstro Febrônio Índio do Brasil' emergiu de cenários de infância desafortunados e violentos. O pai, que desenvolve a função de açougueiro, impõe sua palavra e lei por meio de violência física e de marcas na pele deixadas pelos golpes de cinta. Febrônio, ainda criança, foge de casa para a cidade de Diamantina e, aos 14 anos de idade, chega ao Rio de Janeiro. Sua jornada na vida o leva por caminhos desviantes, que são marcados pela aplicação de golpes premeditados e de uma série de delitos que o condenam a 29 encarceramentos, antes mesmo dos assassinatos de dois jovens que o levaram à prisão definitiva, em 1927.

Além de serem iludidas e arrancadas do seio familiar, as vítimas do ato em questão também tiveram seus corpos marcados por tatuagens, que imitam as que estão na pele de Febrônio. A imaginação errante do assassino, o leva a orgulhosamente ostentar as inscrições enigmáticas. A primeira, no centro do peito, traz a seguinte apresentação: 'Eis o Filho da Luz'; a segunda, uma série de iniciais pretensamente sagradas, que começam no abdômen e finalizam o ciclo serpenteando por suas costas: 'D C V X V I', segundo o autodeclarado profeta, simbolizam 'Deus, Caridade, Virtude, Santidade e Virtude (novamente), imã da vida'. Esse conjunto simbólico reflete as visões esotéricas de Febrônio, que registra isso num livro auto publicado em 1926, sob o título “Revelações do Príncipe do Fogo”, uma compilação de preces e imagens de conteúdos que dificultam a inteligibilidade.

O histórico de vida dramático, a personalidade intensa e inquietante de Febrônio não apenas estampam manchetes quando é preso por seus crimes, mas também, três anos depois, o fato de no Brasil ser o primeiro réu inimputável encaminhado ao Manicômio Judiciário Heitor Carrilho, no Rio. Surpreendentemente, em 1932, consegue fugir da detenção, o que mantém viva sua presença nos pesadelos de famílias que advertem seus filhos a voltar para casa antes que 'Febrônio' apareça, algo que o compara às figuras folclóricas presentes ao lado de bichos papões, homens do saco ou cabras cabriolas. Entretanto, com o tempo, a imagem apavorante de Febrônio começa a se desvanecer, assim como a pigmentação das tatuagens corporais, em razão do isolamento da sociedade, bem como dos 54 anos em que é legalmente esquecido no Manicômio.

Interno 000001, Febrônio já foi classificado como "patrimônio do Manicômio" pelo ex-diretor do estabelecimento, Rodrigo Ulysses de Carvalho. Virou quase "móveis e utensílios" da casa. Deixou entre os altos muros 56 anos de sua vida. Um estudo realizado em 1970, do psiquiatra

“O corpo é uma memória”: marcas no corpo como performance ritualística em Febrônio Índio do Brasil (1895-1984) | Paulo Biscaia Filho | p. 46-69

Talvane Marins de Moraes, disse que sua periculosidade - único motivo para um doente mental continuar no Manicômio Judiciário- havia terminado. Doente ou não, Febrônio não perdeu o sentimento fundamental, o desejo de liberdade. Há muitos anos, quando seu estado não era ainda demencial, sua frase mais repetida era “se você me tirar daqui te dou um saco de dinheiro”. Hoje, Febrônio mantém o desejo de ser livre: “Eu já era pra tá fora daqui. Por direito já era pr’eu ter saído” (Jornal do Brasil, 29 de maio de 1983).

Logo além, seu nome deixa de ser uma ameaça constante. Valêncio Xavier relata que “O mote ‘Aí vem o Febrônio’, que muitas mães brasileiras usaram durante anos para disciplinar seus filhos, já não assusta mais” (Xavier, 2004. p. 110-137) . Dessa maneira, as transformações de imagem de Febrônio – do monstro temido ao esmaecido e olvidado –, evidenciam a complexidade do personagem, o que suscita variados sentimentos, quando se lê sobre os crimes cometidos – sem se distanciar do fato de ser motivo, tanto para inaugurar o sistema manicomial como para abolí-lo.

Nos meses que antecedem sua morte, mais precisamente em agosto de 1984, o cineasta Sílvio Da-Rin lança o filme-documentário intitulado *Príncipe do Fogo*. A obra singular é o único registro, em movimento, do homem que, outrora, é chamado pelos jornais de “scelerado!”. No momento do registro de imagens, as marcas na pele desaparecem, assim como o medo que a personagem outrora suscita na população, durante as décadas de 20 e 30. No filme em questão, Da-Rin pergunta a Febrônio o significado das letras tatuadas no peito e o entrevistado responde: “Um dos crentes da luz. Que tenho a minha estrela. Você tem a sua estrela. Todos nós humanos temos uma estrela. Nasceu a pessoa e nasceu a estrela”. O diretor novamente pergunta quem é o “Filho da Luz” e recebe como a resposta: “Um dos filhos da luz sou eu”. Depois de perguntar sobre o livro escrito por Febrônio, o diretor provoca perguntando se tatua crianças ou outras pessoas. Sem se abalar, o interno 000001 afirma se tratar de “mentira”. Depois de seis décadas encarcerado no manicômio, os devaneios do “Príncipe do Fogo” contradizem depoimentos de testemunhas e do próprio, após os assassinatos de jovens de 1927. Febrônio tatua ao menos quatro pessoas; duas dessas, mortas por meio de suas mãos, depois de receberem as marcas na pele – um deles, um garoto prestes a completar 10 anos.

Toda lei é escrita

As construções sociais que sucedem o fim da escravidão negra foram complementadas pela criação de novos códigos penais leis que, no Rio de Janeiro do início do século XX, passam a estabelecer parâmetros de espaços sociais e distintos com saliente motivação a partir de preconceitos raciais. A estruturação destas distinções sócio-econômicas se constrói em forma de um conjunto de regras decorrente de fobias paranóicas e controladoras das classes dominantes em consequência a abolição da escravatura.

No Rio de Janeiro do século XIX, as elites brancas lidam cotidianamente com o medo da insurreição negra e com os desdobramentos do fim da escravidão em seu cotidiano. (...) Numa dessas gravuras em que um africano abana uma branca, o sentimento predominante dos proprietários brasileiros em meados do século XIX seria similar à indignação diante da iminência do fim da brisa. Se o medo na Europa do século XIX era o medo da revolução, no Brasil e na América Latina esse temor era acrescido pelo fim da escravidão, não só pelo fim da brisa, mas também pelas fantasias acerca do desfecho brutal da escravatura. (Malaguti Batista, 2003. p. 85).

A mudança de paradigma legal estabelecida a partir da libertação de povos escravizados não se mostra eficiente para que a mesma transformação aconteça intelectualmente entre classes ricas, predominantemente constituída de pessoas brancas. Para os “ex-senhores” de escravos, essa nova realidade vem acompanhada do medo de possível “retaliação”. Tal temor é expoente dos processos de marginalização social. Por sua vez, acompanhando essa realidade estão os espaços fomentadores de tensões entre pessoas e a diversidade cultural. Esse cenário é base para a criação de novas leis e a promulgação do Código Penal da República, em 1890, que substituiu o então vigente Código Criminal do Império.

As ruas do Rio de Janeiro no século XIX eram cheias de lixo, com iluminação precária e muito estreitas, ambiente propício para seja propagado ideias de falta de segurança e de medo com os escravos. Para “sanar” essa “falta” de segurança, os grandes proprietários no período imperial transformam o Direito Penal, ancorado pelas ideias positivistas, em uma instituição de controle social. Os processos criminais desse período passam a estipular sentenças com resoluções de mérito, fundamentadas em “proteger” o que seria “puro” e “destruir” o que seria “desonrado e impuro” (Bacelar, 2021, p. 38).

“O corpo é uma memória”: marcas no corpo como performance ritualística em Febrônio Índio do Brasil (1895-1984) | Paulo Biscaia Filho | p. 46-69

No que tange a esses corpos, ainda em situação de escravidão, as identidades de seus 'proprietários' são impostas às marcas – literalmente – de 'ferro e fogo'. Inclusive, agora, a partir da lógica de regras externas aos códigos legais, segue, de forma tácita, entre as vielas escuras, comunidades e dentro dos sistemas prisionais. De igual modo, na virada do século XIX para o século XX, os processos formatados por Bertillon e, um pouco depois, Vucetich, surgem visando facilitar a identificação de criminosos. Em sentido oposto à cultura de criação de uma identidade única através de marcas na pele, essa prática se instala em ambientes urbanos – inicialmente, dentro de celas de cárceres, para posterior normalização, mesmo em classes mais abastadas. As tatuagens se tornam regras de padronização identitária, dispondo de registros impressos para validação de existência.

Toda lei, dizíamos, é escrita. Eis que se reconstitui, de certa maneira, a tríplice aliança já identificada: corpo, escrita, lei. As cicatrizes desenhadas sobre o corpo são o texto inscrito da lei primitiva, é nesse sentido, *uma escrita sobre o corpo* (Clastres, 1990, p. 204).

O escritor e jornalista, João do Rio (1881-1921), em *A alma encantadora das ruas*, uma coletânea de crônicas que retratam a ebulição social da metrópole do Rio de Janeiro, em décadas iniciais do século XX. Em uma das crônicas, se dedica a discorrer sobre a cultura da tatuagem nas ruas da capital.

Da tatuagem no Rio faz-se o mais variado estudo da credence. Por ele se reconstrói a vida amorosa e social de toda a classe humilde(...). A tatuagem é a inviolabilidade do corpo e a história das paixões. Esses riscos nas peles dos homens e das mulheres dizem as suas aspirações, as suas horas de ócio e a fantasia da sua arte e a crença na eternidade dos sentimentos – são a exteriorização da alma de quem os traz (Rio, 1995, p. 30)

Sob este olhar, situam-se as provocações que Toni Marques faz sobre a conexão entre Arte e tatuagem. Tal passagem da crônica destaca a marca na pele como uma importante ferramenta que proporciona formas de expressão para comunidades cariocas marginalizadas. Uma amostra de sua história, bem como de suas visões de mundo, por meio de traços registrados no corpo. Nessa esteira, ao estabelecer uma resposta à pergunta “O que é arte?”, Frayze-Pereira (2016, p. 90) parafraseando Merleau-Ponty, define a tatuagem como um símbolo: 'uma presença ausente que pede interpretação ou, melhor, como uma transcendência aberta ao conhecimento'. Para cada cultura, há um conjunto distinto de

“O corpo é uma memória”: marcas no corpo como performance ritualística em Febrônio Índio do Brasil (1895-1984) | Paulo Biscaia Filho | p. 46-69

linguagens e símbolos. Na Belle Époque do Rio de Janeiro::

Há três casos de tatuagem no Rio, completamente diversos na sua significação moral: os negros, os turcos com o fundo religioso e o bando das meretrizes, dos rufiões e dos humildes, que se marcam por crime ou por ociosidade.(...) Quase todos os negros têm um crucificado. O feiteiro Ono. Nenê, morador à Rua do Alcântara, tem do lado esquerdo do peito as armas de Xangô, e Felismina de Oxum a figura complicada da santa d'água doce (Rio, 1995, p.30).

Nesse contexto, Febrônio Índio do Brasil chega à Baía de Guanabara. A vida à margem da sociedade - tanto nas vielas do centro do Rio quanto nas celas de penitenciárias e hospícios - o aproxima da cultura da tatuagem, ao mesmo tempo em que enfrenta os desdobramentos de seus surtos psicóticos. Segundo depoimentos do próprio Febrônio ao psicanalista Heitor Carrilho, as duas tatuagens em seu corpo ("Eis o filho da luz" no peito e "D.C.V.X.V.I." em torno do abdômen) foram feitas na Colônia Correcional, sete anos antes de sua transferência para o Manicômio, em 1929. As técnicas utilizadas nesse período também estão registradas na crônica de João do Rio.

Por picadas, por incisão, por queimadura subepidérmica. As conhecidas entre nós são as incisivas nos negros que trouxeram a tradição da África e, principalmente, as por picadas que se fazem com três agulhas amarradas e embebidas em graxa, tinta, anil ou fuligem, pólvora, acompanhando o desenho prévio. O marcador trabalha como as senhoras bordam (Rio, 1995, p. 32).

Dada a inconsistência das experiências temporais e espaciais, é possível que a datação da tatuagem - supostamente feita em 1922 - seja falsa. No entanto, há indícios de que, de fato, os conhecimentos artísticos possam ter sido adquiridos durante o período de encarceramento..

Ritos e crimes

Um dos primeiros registros noticiados sobre o envolvimento de Febrônio em processos ritualísticos com tatuagem são de Octavio Bernardes e Jacob Edelman. Em março de 1927, aos 16 anos, Octavio é abordado em frente à casa onde morava, no bairro do Jacaré (RJ), por um homem que se apresenta como "Candido da Silva" e oferece trabalho em um açougue. Com o consentimento da mãe, Octavio acompanha o visitante até um bar, onde encontram um homem louro que aguarda Candido. De lá, vão até a praia de

“O corpo é uma memória”: marcas no corpo como performance ritualística em Febrônio Índio do Brasil (1895-1984) | Paulo Biscaia Filho | p. 46-69

Mangaratiba. Ao caminhar horas adentro na madrugada, o rapaz percebe que não existe emprego algum. O líder do grupo se apresenta como Candido; o outro é filho de alemães e se chama Jacob, caminhando com dificuldade devido a sequelas de paralisia. Chegando em Praia da Cruz, Candido se irrita com a "lentidão" de Jacob e obriga Octavio a carregar o rapaz em suas costas. O grupo rouba uma rede de pesca e uma canoa para viajar até Ilha Grande, mas o tempo ruim os arremessa em Ilha Pequena. Ali, Candido inicia o processo ritualístico.

Destacou da camisa do menino Octávio onze tiras de pano, destinadas a amarrar uma cruz improvisada de pedacinhos de madeira tosca que colocou sobre um buraco em que enterrara onze bananas e onze pedaços de cana, declarando que essa cerimonia sibilina visava inutilizar as possíveis perseguições do dono da rede(A Manhã, 11 de março de 1927)

O líder então exhibe tatuagens em seu corpo e também no corpo de Jacob, com o "talismã": D C V X V I - estampado no peito. Candido pretende obrigar Octavio a ter a expressão "Sois o Filho da Luz" escrita no peito, à ponta de faca e agulha. Eles entram em embate físico e Octavio consegue escapar, voltando para casa depois de pedir ajuda à polícia de Mangaratiba. Por conta disso, "Candido" é reconhecido como pseudônimo de Febrônio Índio do Brasil e posteriormente detido, na Rua Uruguaiana. Dias antes de aliciar Octavio, Febrônio e Jacob recebem alta do Hospício Nacional de Alienados, onde se conhecem e recebem a marca no peito pela agulha do companheiro. Com protestos de órgãos de imprensa em julho, Febrônio é solto. Em agosto do mesmo ano, aborda Alamiro José Ribeiro, de 20 anos, em Jacarepaguá, também com promessas de emprego. No dia seguinte, o cadáver de Alamiro é encontrado estrangulado, com marcas de cipó no pescoço, hematomas de conflito físico nos braços e sinais de violência sexual.

Sob mais um pseudônimo, Febrônio vai a Petrópolis e se hospeda num hotel, onde pede dois coelhos para o jantar e ainda solicita ao gerente que "guarde" os pés desses animais. Durante a madrugada, ele rouba os sapatos da esposa do dono do hotel e os enterra dentro de uma caixa. A mulher fica tão impressionada que cai em adoecimento por dias consecutivos. Nesse caminho, atribuem a desconhecida enfermidade ao "despacho" feito por Febrônio. Alguns dias depois, João Ferreira, conhecido como "Jonjoca", de 9 anos, recebe a visita de um estranho que lhe faz a oferta de trabalho como "assistente de copeiro", em casa de um militar, no bairro de Botafogo. Seu corpo desaparece por duas semanas e só é encontrado após a captura do assassino - não por confissão, mas pela

“O corpo é uma memória”: marcas no corpo como performance ritualística em Febrônio Índio do Brasil (1895-1984) | Paulo Biscaia Filho | p. 46-69

concentração de urubus que chama a atenção de um pescador que caminha próximo ao local do crime. Febrônio se nega a informar o paradeiro do corpo do garoto por dias - não se sabe se por delírio ou intenção de se "distanciar" do crime, fazendo com que o tempo apague as evidências. Mas, mesmo assim, dia após dia, tenta ludibriar a polícia com promessas de confissão.

- Amanhã eu apontarei o lugar exato. Senhores, vão lá e encontrarão o garoto “perfeitinho”. Apenas, encontrarão no peito dele aquela tatuagem... A seguir Febrônio jurando que falava sério declarou que ia fazer um, "trabalhinho" no xadrez.
- O que é que os senhores pensam? Eu também sou feiticeiro...(A Rua, 6 de setembro de 1927).

Durante o processo, porém, não se furta de dar informações sobre as interações com Jonjoca. No momento do interrogatório, o assassino diz:

- Não podia portanto deixar de "praticar o sacrifício", morto Alamiro, era preciso ser substituído por um pequeno inteligente e vivo, ninguém melhor para isso do que o João, disse Bruno. – Logo, eu não podia matá-lo ... Fiz no peito a tatuagem que significa "Deus vivo". É um dos símbolos da seita... – E que seita é esta? Pergunta o delegado. – Não procure conhecê-la. É muito complicada e nem os sábios conseguem explicar-la...(A Noite, 3 de setembro de 1927).

Como local para receber marcas de tatuagem, o peito é um espaço significativamente evidente para "diálogos com a espiritualidade". Na crônica de João do Rio, há uma passagem em que se relata o entusiasmo religioso de um homem que vai ao tatuador pedindo uma marca. "Hei de lembrar sempre o Madruga tatuando um funileiro, desejoso de lhe deixar uma estrela no peito. – 'No peito não' - cuspiu o mulato - 'no peito eu quero Nossa Senhora' " (Rio, 1995, p. 33). Justamente, a parte superior do tórax é que recebe a marca "Eis o Filho da Luz", em Febrônio, e as letras místicas D. C. V. X. V. I., em Jacob e Jonjoca – assim como, provavelmente, estariam, caso permitissem, nos peitos de Alamiro e Octávio Bernardes. Noutra reportagem, com provável erro de digitação da sigla, informa-se que Febrônio "martirizou o corpo da pequena vítima, imprimindo-lhe, na epiderme do peito, as letras D. C. V. Z. e I." (Diário Nacional, 3 de novembro de 1927). Com a ação do tempo e dos urubus, não é possível, no entanto, determinar a causa da morte do menor de idade, nem tampouco determinar se a tatuagem descrita por Febrônio de fato se faz na pele do menino. Na edição de 02 de setembro de 1927, o jornal A Rua indica que

“O corpo é uma memória”: marcas no corpo como performance ritualística em Febrônio Índio do Brasil (1895-1984) | Paulo Biscaia Filho | p. 46-69

"segundo averiguou a polícia, Febrônio marca com tatuagens as suas vítimas" e, quando questionado sobre a sua própria marca/talismã, se recusa a mostrar: "não mostro por que todo aquele que a ler será infeliz pelo resto da vida". Depois que o corpo é encontrado, o auto-proclamado profeta passa a questionar sua crença.

- Ora, a minha seita está muito complicada, falhando a todo momento e me deixando desorientado.
 - Foi em nome dela que você matou o menino?
 - Não vale a pena falar mais disso, pois as complicações sucedem-se a cada momento. Toda vez que recebo uma "comunicação", verifico que saiu tudo ao contrário.
 - E essa sua seita...
 - Está ficando mesmo uma "bagunça"! Estou vendo que devo a abandonar para não acabar maluco...
 - Você não contava que o corpo aparecesse, não é?
 - Realmente... Mas...
- Aí, Febrônio parou, parecia o desolado e, fingindo ter refletido, concluiu
- Lúcifer travou luta comigo e acabou me vencendo pois descobriu o cadáver do menino...(Correio da manhã, 9 de setembro de 1927)

A partir dos símbolos na pele de Febrônio e de suas vítimas, Ferrari (2013, p. 191) elabora que consta uma referência a um “sinal do Deus Vivo” em Apocalipse 7. Exatamente entre o anjo do sexto, referente à abertura do Eufrates, e do sétimo, ao qual Febrônio compara a si mesmo, encontram-se os selos. A referida passagem bíblica se desenvolve conforme segue:

E vi outro anjo subir do lado do sol nascente, e que tinha o selo do Deus vivo; e clamou com grande voz aos quatro anjos, a quem fora dado o poder de danificar a terra e o mar, Dizendo: Não danifiqueis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que hajamos selado nas suas testas os servos do nosso Deus (Apocalipse, 7:2,3).

Ainda, de acordo com o que publica o Dr. Heitor Carrilho sobre Febrônio na Revista de Psicanálise de 1929, o assassino tatuava suas vítimas com a intenção de protegê-las e “defender estes menores do Mal, conferindo-lhes o ‘Imã da Vida’, que lhes será um talismã” (Carrilho, 1929, p. 136). Retornando ao que aponta Ferrari, faz-se comparações da mitologia particular do Príncipe do Fogo com aquela presente nos Testamentos, onde existem paralelos entre as marcas do assassino e suas vítimas. "A tatuagem que traz em seu corpo e é replicada no tórax das crianças, identificando-as também como 'reis do Oriente', confunde-se com João, Otávio, Jacob ou Alamiro" (Ferrari, 2013, p. 190).

Expressões de fé

Assim como na narrativa de Caim e de outros personagens “marcados” com sinais de poder místico, Febrônio acredita que as tatuagens que faz com agulha, estilete e o frasco de tinta – que carrega em seu bolso – são capazes de realizar “ações místicas” de importância suprema dentro de suas crenças. É considerável observar que Febrônio continua negando os crimes, mesmo com provas e diante de inúmeras contradições. Mesmo em 1983, na entrevista que dá a Da-Rin, afirma que “os assassinatos não ocorreram” – afirmação que oscila entre a verdade criada por delírios e a intenção racional de acreditar, mesmo reconhecendo as inverdades, ou seja, uma espécie de construção de verdades que se mostra inerente às práticas em crenças religiosas. Seguindo a própria conclusão de Carrilho quando descreve as tatuagens no corpo de Febrônio como signos de que é “um enviado, com uma missão divina a cumprir”, é mais uma demonstração da sinceridade de suas convicções místicas. No mesmo trabalho, o psiquiatra ainda justifica as marcas como atos que fazem gravar no “peito as letras simbólicas⁶ de suas superstições” (Carrilho, 1929, p. 139) – a escolha da palavra “superstições” é sintomática da própria formação cultural do autor, quando localiza a crença do paciente num lugar diferente das tradições cristãs, embora a sustentação existencial de ambas se encontrem em áreas similares. A marca no peito do “Filho da Luz” em pouco se difere da marca que o funileiro pretende fazer de “Nossa Senhora”, na crônica de João do Rio. Carrilho, no entanto, não se evade de analisar eventuais caminhos estratégicos para que a crença aja como “justificativa” própria aos ímpetos criminosos.

Imaginando-se o Filho da Luz e crente no poder sobrenatural do Deus Vivo, ele tem o campo da consciência invadido por essa idéia, sendo fácil de compreender a influência decisiva de tal fenomeno na mentalidade de um amoral e pervertido sexual. As suas declarações abaixo, contidas nos autos do processo relativo ao estrangulamento do menor João Ferreira” contém uma phrase impressionante neste sentido: “Que o declarante foi levado a commetter esse crime por meio de revelações 'que linha constantemente por meio de visões as quais o convenciam que devia sacrificar vítimas em benefício do Deus Vivo, o symbolo de sua religião” (Carrilho, 1929, p. 144).⁷

⁶ Grafia original preservada.

⁷ Grafias originais preservadas

“O corpo é uma memória”: marcas no corpo como performance ritualística em Febrônio Índio do Brasil (1895-1984) | Paulo Biscaia Filho | p. 46-69

As violências, assim como os assassinatos, estão, portanto, localizadas no inconsciente de Febrônio e mascaradas pela construção do conjunto de signos para atestar que não está cometendo crimes, mas sim realizando rituais e processos pautados em crenças. Tal convicção apaga os sentimentos de possibilidade de culpa sobre os crimes e se reforça pela presença de marcas místicas no corpo, até que ele se deteriore por força da natureza.

E, sem qualquer intermediário, o corpo que a sociedade designa como único espaço propício a conter o sinal de um tempo, o traço de uma passagem, a determinação de um destino. Em qual segredo inicia o rito que, por um momento, toma completa posse do corpo do iniciado?(...) O corpo mediatiza a aquisição de um saber, e esse saber é inscrito no corpo. Natureza desse saber transmitido pelo rito, função do corpo no desenrolar do rito: dupla questão em que se resolve o problema do sentido da iniciação(Clastres, 1990, p. 198).

A condição mental de Febrônio, que se localiza entre o pragmatismo da criminalidade e um conjunto de revelações místicas, exige registros definitivos (livro e tatuagens) de uma crença que justifique seu lugar no mundo. Em sua trajetória, o “Filho da Luz” desejou converter as vítimas, impondo-lhes a mesma crença. Ao tentar compreender seu espaço funcional na sociedade, perpassa, portanto, pela mesma função dos rituais de iniciação de variadas culturas, conforme mencionado previamente. Febrônio Índio do Brasil utilizava o corpo, assim como os de vítimas de suas crenças, como espaços para a impressão de algo que julgava como conhecimento. Por meio de um conjunto de regras de performance ritualística, em que os atos, por mais abjetos que sejam, para ele estavam diluídos em espaços metafísicos que, supostamente, transcendiam posturas éticas sociais básicas, em função da justificativa de desejos e impulsos individuais. A tatuagem é, portanto, um registro material temporário da crença de Febrônio, que ele tentava multiplicar em outros corpos. A estratégia de conversão, não obstante, se alternava ora pela persuasão sobre a ingenuidade de Jacob Edelman, ora pela violência e brutalidade empregadas contra Alamiro e João Ferreira. De toda forma, com singularidade absoluta, aplicava-se, na intenção de Febrônio Índio do Brasil, aquilo que Jeha (2019) afirma: "A tatuagem é uma expressão de fé".

Ao considerar as práticas religiosas como meios pelos quais os indivíduos buscam situar-se no mundo e na sociedade que os rodeia, Febrônio canaliza a vasta tradição de

“O corpo é uma memória”: marcas no corpo como performance ritualística em Febrônio Índio do Brasil (1895-1984) | Paulo Biscaia Filho | p. 46-69

rituais de tatuagem ao longo dos séculos como expressão de sua singular visão de mundo. Os ritos executados pelo assassino são manifestações de suas crenças e práticas individuais, que se chocam e se complementam. A tatuagem, percebida como símbolo de fé e instrumento de evangelização do autoproclamado Príncipe do Fogo, assume a função de converter, dominar e impor sua perspectiva sobre o mundo aos seus alvos. Sua busca por significado e justificação em sua existência o conduz a cometer crimes que, camuflados por uma interpretação distorcida de espiritualidade, culminam em uma intersecção entre identidade, corpo e espiritualidade.

Referências bibliográficas

BACELAR, Tiago. **Febrônio Índio do Brasil e a construção do medo com o uso da Medida de Segurança**. Recife: Edição do Kindle, 2021, p. 38.

BASTOS, Glauca Soares. **Como se Escreve Febrônio**. Curso de Letras, Departamento de Teoria Literária, Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 1994. 176 fls. Dissertação de mestrado.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Civilização e Cultura**. São Paulo: Editora Global, 2004.

CARRILHO, Heitor. **A curiosa mentalidade de um delinquente**, in: **Arquivo Judiciário**. Rio de Janeiro. 1929.

CENDRARS, Blaise. Febrônio Índio do Brasil. In: CENDRAS, Blaise. **Etc., etc. (Um livro 100% brasileiro)**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

Clastres, Pierre. Da Tortura nas Sociedades Primitivas. In: **A sociedade contra o Estado**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

DARWIN, Charles. **A origem do homem e a seleção sexual**; tradução de Attilio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. São Paulo: HEMUS, 1974.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

FERRARI, Pedro Felipe Marques Gomes. **Mosaicos do Filho da Luz: Febrônio Índio do Brasil entre crime, a redenção e o delírio**. 2013. 292 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade de Brasília. Instituto de Ciências Humanas, Brasília, 2013.

FRAYZE-PEREIRA, João. **Revista Brasileira de Psicanálise**. Volume 50, n.2, p. 78-93, 2016.

“O corpo é uma memória”: marcas no corpo como performance ritualística em Febrônio Índio do Brasil (1895-1984) | Paulo Biscaia Filho | p. 46-69

FRANÇA, Leandro Ayres; NETO, Alfredo Steffen; ARTUSO, Alysso Ramos. **As Marcas do Cárcere**. Curitiba: IEA Sociedade, 2016.

FRY, Peter. Febrônio Índio do Brasil: onde cruzam a psiquiatria, a profecia, a homossexualidade e a lei. In: EULÁLIO, Alexandre et al. **Caminhos cruzados**: linguagem, antropologia e ciências naturais. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 65-80.

GODOI, Edileide. A tatuagem na(des)ordem do discurso religioso. In: **Análises em (dis)curso**: perspectivas, leituras, diálogos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

HOPE ROBBINS, Rossell. **The Encyclopedia Of Witchcraft & Demonology**. Girard & Stewart, 2015. Disponível em: <https://books.apple.com/br/book/the-encyclopedia-of-witchcraft-demonology/id1616675378> . Acesso em 8 de novembro de 2023.

JEHA, Silvana. **Genealogias dos corpos tatuados no Brasil**. 2019. Disponível em: <https://www.coletiva.org/dossie-corpo-n26-artigo-genealogias-dos-corpos-tatuados-no-brasil> . Acesso em 9 de outubro de 2023.

LACASSAGNE, A. **Les Tatouages**. Paris: *Librarie J.B. Baillièpe et Fils*. 1881. (tradução do autor)

LISE, Michelle Larissa Zini; GAUER, Gabriel José Chittó; CATALDO NETO, Alfredo. **Tatuagem: Aspectos Históricos e Hipóteses Sobre a Origem do Estigma**. In: *Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics* 2(3): 294-316, 2013.

LOMBROSO, Cesare. **O homem delinqüente**. São Paulo: Ícone, 2007.

MALAGUTI BATISTA, Vera. **O medo na cidade do Rio de Janeiro**: dois tempos de uma história. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

MARQUES, Toni. **O Brasil Tatuado e outros mundos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

PAREDES CV. **A influência e o significado das tatuagens nos presos no interior das penitenciárias**. Curso de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003. 40 fls. Dissertação de especialização em Tratamento Penal e Gestão Prisional.

SCALLAN, Marilyn. *Ancient ink: Iceman Otzi has the world's oldest tattoos*. Smithsonian, 2015. Disponível em: <https://www.si.edu/stories/ancient-ink-iceman-otzi-has-worlds-oldest-tattoos> . Acesso em 12 de setembro de 2023.

XAVIER, Valêncio. **Crimes à moda antiga**. São Paulo: Ed. Publifolha, 2004.

Periódicos

JORNAL DO BRASIL, 29 de maio de 1983 - Interno 000001, móveis e utensílios. p. 6.

DISFARÇADO de homem sério. *A Noite*. Rio de Janeiro, p.1. 19 jan. 1922.

UM CRIME hediondo. *A Noite*, p. 4. 17 ago 1927.

“O corpo é uma memória”: marcas no corpo como performance ritualística em Febrônio Índio do Brasil
(1895-1984) | Paulo Biscaia Filho | p. 46-69

AS INVESTIGAÇÕES da polícia carioca em torno de um crime monstruoso. A Noite, p. 3. 19 ago 1927.

O HEDIONDO crime da ilha do Ribeiro. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, p.3. 2 set. 1927.

OS ATOS hediondos de um degenerado. A Rua, p.4. 2 set 1927.

O CRIME da ilha do ribeiro. Gazeta de Notícias, p.4. 2 set 1927.

FEBRÔNIO, o sclerado. A Rua, p. 1. 6 set 1927.

Recebido em 11/02/2024

Aceito em 03/06/2024